

# BAKHTIN, WALLON E AS LINGUAGENS DOS BEBÊS

Viviane Maria Alessi

Marynelma Camargo Garanhani

*Editora*  
UFPR



**BAKHTIN,  
WALLON E  
AS LINGUAGENS  
DOS BEBÊS**



**Reitor**

Ricardo Marcelo Fonseca

**Vice-Reitora**

Graciela Inês Bolzón de Muniz

**Pró-Reitor de Extensão e Cultura**

Leandro Franklin Gorsdorf

**Diretor da Editora UFPR**

Rodrigo Tadeu Gonçalves

**Vice-Diretor da Editora UFPR**

Hertz Wendel de Camargo

**Conselho Editorial que Aprovou este Livro**

Allan Valenza da Silveira

Angela Couto Machado Fonseca

Claudio José Barros de Carvalho

Cristina Gonçalves de Mendonça

Fernando Cerisara Gil

José Carlos Cifuentes

Lilian Carolina Rosa da Silva

Margarete Casagrande Lass Erbe

Prila Leliza Calado

**BAKHTIN,  
WALLON E  
AS LINGUAGENS  
DOS BEBÊS**

Viviane Maria Alessi  
Marynelma Camargo Garanhani

© Viviane Maria Alessi e Marynelma Camargo Garanhani

**BAKHTIN,  
WALLON E  
AS LINGUAGENS  
DOS BEBÊS**

**Coordenação editorial**

Rachel Cristina Pavim

**Revisão**

Milena Portella Fontoura e Daniele Soares Carneiro

**Revisão final**

Das autoras

**Projeto gráfico e editoração eletrônica**

Thainá Kramer

**Capa**

Reinaldo Weber

Série Pesquisa, n. 351

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SISTEMA DE BIBLIOTECAS  
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

---

A372b Alessi, Viviane Maria, 1978-

Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês \ Viviane Maria Alessi,  
Marynelma Camargo Garanhani. – Curitiba : Ed. UFPR, 2019.  
142 p. : il., color. ; 22 cm. – (Série Pesquisa, n. 351).

Referências: p. 131-140

ISBN 978-85-8480-163-3

1. Educação de crianças. 2. Comunicação interpessoal em lactentes.  
3. Crianças - Linguagem. 4. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovitch), 1895-  
1975. 5. Wallon, Henri, 1879-1962. I. Garanhani, Marynelma Camargo, 1967- .  
II. Título. III. Série.

CDD: 372.2

---

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-85-8480-163-3

Ref. 949

**Direitos desta edição reservados à  
Editora UFPR**

Rua João Negrão, 280, 2.º andar – Centro

Tel.: (41) 3360-7489

80010-200 – Curitiba – Paraná – Brasil

[www.editora.ufpr.br](http://www.editora.ufpr.br)

[editora@ufpr.br](mailto:editora@ufpr.br)

**2019**



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

[...] a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

*Mikhail Bakhtin*

## Sumário

Por um caminho de escuta da linguagem dos bebês / 9  
Gilberto de Castro

Apresentação / 15

1. Bebês e linguagens: um breve panorama / 21

2. Diálogos para pensar as linguagens dos bebês: o Círculo de Bakhtin e  
Henri Wallon / 33

3. Pesquisas com bebês: desafios éticos e metodológicos / 65

Instrumentos e procedimentos da pesquisa com bebês: o registro audiovisual / 69

O contexto da investigação e o papel do pesquisador na relação com bebês / 75

4. Os bebês e seus enunciados / 83

5. As linguagens dos bebês / 119

Referências / 131

Sobre as autoras / 141

# Por um caminho de escuta da linguagem dos bebês

Gilberto de Castro<sup>1</sup>

Há muitos mistérios ainda a serem descobertos sobre nós seres humanos. Dentre eles, a linguagem, expressão máxima de nossa humanidade, que ocupa alta posição no pódio de nossas dúvidas existenciais. Mesmo considerando que no último século a linguagem tenha sido colocada no centro dos debates científicos e filosóficos, e que nasceram inúmeras e diferentes teorias linguísticas, várias delas preocupadas em entender o funcionamento dos processos de interlocução e comunicação humana, ainda assim, muitas compreensões continuam longe de nosso alcance. Ainda que os signos linguísticos, se comparados a tantos outros signos, como os gestos, os sons e as imagens, sejam os que guardam maior precisão na definição e representação dos objetos, dos conceitos e do mundo, as suas possibilidades de imprecisão e de geração de não entendimento ajudam a aumentar o nosso fascínio pela linguagem e nos mostram o quanto ainda precisamos avançar nos estudos interativos e em outros campos do conhecimento científico (humanístico e biológico) para descobrirmos as razões da natureza aparentemente contraditória da linguagem humana. E descobrir com maior precisão os mistérios da linguagem é fundamental para todas as ciências humanas, que têm nela o seu objeto primordial de trabalho, mas sobretudo para a educação, que só se aprimora enquanto objeto de conhecimento quando melhora a tradução de suas mediações simbólicas e de interlocução.

Penso que é exatamente aí que se insere este livro das autoras Viviane e Marynelma. Em que pese o fato de hoje termos acumulado um considerável cabedal de conhecimento sobre as línguas humanas em uso, as autoras mostram com muita clareza o quanto os esforços de entendimento dos processos de interação simbólica envolvendo os bebês ainda deixam muito a desejar, sobretudo no quadro de pesquisas brasileiras por elas consultado. Conforme atestam, dos 39 estudos que abordam o tema

1 Doutor em Linguística pela USP, professor aposentado do Setor de Educação da UFPR, diretor da Editora UFPR 2009/2015, atualmente, é professor visitante no Programa de Mestrado Profissional em Biblioteconomia da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).

da linguagem dos bebês no país, distribuídos em áreas diversas do conhecimento, em vários deles a linguagem não é o objeto central do trabalho. As autoras registram estranhamento também em relação ao fato de que, mesmo considerando o poder heurístico já testado da teoria bakhtiniana para estudos discursivos e da interlocução, apenas três trabalhos da lista acima, oriundos da área da educação, fazem menção aos teóricos russos – ainda assim, segundo as autoras, de forma superficial. E, como que para mostrar o quanto ainda temos que buscar o espaço de direito e a consolidação conceitual das teorias alteritárias de linguagem, elas mencionam com espanto que em nenhum dos oito trabalhos pesquisados dentro da área da linguística sequer encontraram menção aos escritos dos autores do Círculo de Bakhtin.

Imbuídas da tarefa de abordar esse objeto desafiador e um tanto esquecido, Viviane e Marynelma partem, corajosamente, para um estudo ousado e inédito sobre a linguagem dos bebês. Em primeiro lugar, porque sempre é preciso coragem para pesquisar temas sobre os quais pouco ou quase nada ainda foi dito; ou, sobre os quais, o que se diz já adquiriu o status de lugar comum, perdendo a conexão com as exigências da explicação. Em segundo, porque provocadas por certa ausência teórica específica sobre o tema, partem em garimpagem à sofisticada teoria de interlocução dos autores do Círculo de Bakhtin, escavando facetas novas nesse quadro teórico hoje já tão conhecido e reconhecidamente explicativo para as relações socioverbalis do mundo adulto. A leitura redirecionada das obras do Círculo feita pelas autoras renova, redimensiona e alarga o alcance dos dizeres dos teóricos russos, que agora são convidados também a ajudar a explicar os fenômenos que as autoras observam no comportamento interativo dos bebês.

Além desse uso inovador do pensamento bakhtiniano, que alarga ainda mais a visão dos autores para o fenômeno da interação humana, há ainda uma terceira ousadia das autoras: a associação inédita das ideias de interlocução de Bakhtin e Volóchinov com as do médico e psicólogo francês Henri Wallon (1879-1962), responsável pela construção de uma teoria psicogenética. Em uníssono, Viviane e Marynelma usam como quadro explicativo para suas observações as inúmeras sacadas de Volóchinov e Bakhtin sobre as particularidades da enunciação humana e as observações e conceitos formulados por Wallon nas suas teorizações sobre o desenvolvimento das crianças pequenas. E essa química explicativa se mostra perfeita ao longo do texto pela complementaridade entre as ideias dos três autores, cujo fundamento essencial de entendimento de nossa tenra subjetividade se ancora na alteridade. Assim, mesmo não sendo exclusivamen-

te a linguagem verbal o centro de atenção do psicólogo francês, a base do seu olhar para todo o simbólico produzido durante o desenvolvimento da criança é fundamentalmente sociológica, como ele mesmo explica quando diz que “é do meio que depende o sistema linguístico que a criança aprende a usar” (WALLON, 2007, p. 34) ou quando afirma que:

O homem é ao mesmo tempo um animal que fala e que vive em sociedade. A aptidão à linguagem inscreve-se em seu organismo, sendo a capacidade de linguagem um dos traços essenciais da espécie humana. Mas a existência da linguagem é inconcebível sem a existência da sociedade; mais ainda, sem a existência de sociedades duráveis. Ao contrário, concebe-se a existência da linguagem e de suas modalidades correspondentes necessariamente a tipos determinados de sociedades (WALLON, 1971, p. 93-94).

Apoiadas nos autores russos e no psicólogo francês, Viviane e Marynelma conseguem ampliar a compreensão de alguns dos comportamentos das crianças que analisaram durante a pesquisa. No fundamental, o que observam é que mesmo nos momentos em que as crianças estão em silêncio ou em aparente desconexão com os outros e o espaço ao redor, elas estão extremamente atentas aos sons, palavras, cores e movimentos, buscando formas de inserção social, interação e de compreensão do espaço social de que começam a fazer parte. Embora ainda não dominem as palavras como o principal elemento mediador de interação com os adultos e com os seus pares infantis, quase tudo o que fazem vem motivado por suas necessidades e experiências pessoais com o mundo exterior. Quando choram, não choram como animaizinhos isolados no mundo, pois seu choro está embebido na alteridade. Esse parece ser o caso descrito pelas autoras, quando Fernando chora de tristeza numa segunda-feira e, enquanto o faz, pronuncia alternadamente a palavra “mamãe”, como quem diz *não queria estar aqui, mas em casa com meus pais depois do fim de semana legal que passamos juntos!*

O reflexo da alteridade nas crianças é elemento destacável e de forte apelo explicativo para as suas ações. É a base usada pelas autoras para mostrar que quando a Isadora repete seguidamente o “*ai-ai-ai*” em sinal de reprovação ao Gabriel, que quer tomar o celular da mão de sua colega Isabela, ela não está fazendo nada mais nada menos do que adaptar um enunciado ouvido de algum adulto (um discurso citado na concepção dos autores russos) em um contexto familiar para esse novo contexto público, que agora se trata do “seu contexto de interlocução”. O mesmo fenômeno da alteridade expressa em discurso citado, agora na forma de gestos, se dá quando algumas crianças da sala vão vasculhar a fralda de

um coleguinha (gesto que é repetido muitas vezes pelas professoras para verificar se as crianças sujaram ou não as fraldas) e, ao constatar que não há nada lá, repetem, sem a ajuda de palavras, um outro gesto, aquele de mãos abertas que a professora havia feito enquanto pronunciava a palavra “cadê”, no momento em que brincava de esconder o golfinho de borracha.

Quem já teve filhos, ou uma experiência atenta de lidar com crianças, intuitivamente aprende muito sobre a infância, sobre os mecanismos e os passos de conquista da socialização e da linguagem pelas crianças. O problema é que essas experiências, por mais qualificadas que sejam, morrem no interior das quatro paredes das casas, nos segredos isolados das famílias, das mães, pais, avós, etc., e ficam impossibilitadas de se transformarem em alguma generalização. Além do que, por mais espantoso que possa parecer, conforme registram as autoras,

[...] entrevistas com mais de 200 mães com filhos de até um ano e mais de duas mil pessoas de diferentes faixas etárias e classes sociais revelaram que, para 53% dos brasileiros, os bebês começam a aprender somente após o sexto mês de vida. Essas constatações nos levam a refletir sobre o lugar do bebê na sociedade contemporânea. (p. 120)

Enfim, há um espaço de estudo aí que precisa de maior investimento, sobretudo nos dias atuais em que a dinâmica do mundo econômico e das famílias mudou muito com a consolidação das relações da mulher com o trabalho, alterando sobremaneira a sua relação com a criação dos filhos dentro das famílias. O tempo da observação isolada e privilegiada da criança no interior das famílias está cada vez mais tomado pela observação coletiva da infância nos ambientes de creche, o que pode oportunizar espaços e situações de compreensão dos bebês mais consolidados do ponto de vista de uma sistemática científica. Como observam Viviane e Marynelma, é preciso

[...] ampliar o número de estudos envolvendo as crianças pequenas e, mais especificamente, os bebês, pois, com o significativo aumento de famílias que procuram por instituições para atender a essa faixa etária, torna-se primordial aprofundarmos nossos conhecimentos sobre as especificidades dessa fase da vida. Além disso, compreender o processo de desenvolvimento e aprendizagem do bebê em ambiente educativo coletivo constitui um requisito fundamental para pensar em propostas educativas adequadas e desafiadoras, que reconhecem o bebê como sujeito de direitos e como ator social competente. (p. 23)

E um dos principais caminhos para o reconhecimento dos bebês enquanto sujeitos de direito, segundo as autoras, é o desenvolvimento de uma compreensão mais acurada dos mecanismos da apropriação da linguagem pela criança, posto que a maior parte do seu sucesso escolar se ancora num bom desenvolvimento cognitivo, e este, por sua vez, só se dá na exata proporcionalidade do desenvolvimento da habilidade sociolinguística da criança.

Em termos de abordagem da escuta e observação do desenvolvimento da linguagem pelas crianças pequenas, creio que este livro da Viviane e da Marynelma já nasceu singular pela percepção que teve do objeto e extremamente original pelo criativo arranjo teórico que fizeram ao unir o fecundo pensamento dos teóricos escolhidos como fundamento. É, por isso, um trabalho inaugural e que, como tal, deve elevar o nível de exigência de novas pesquisas, seja do ponto de vista da segmentação de novas empirias relativas às especificidades das interações infantis, seja em relação aos teóricos que serão convidados a partir de agora a responder às tantas questões que ainda não sabemos sobre nossos bebês.

## Apresentação

Existe um país onde as pessoas quase não falam. Nesse estranho país, é preciso comprar as palavras e engoli-las para poder pronunciá-las. [...]. Amanhã é o aniversário de Cybelle. Philéas está apaixonado. Ele gostaria de dizer a ela “eu te amo”, mas ele não tem dinheiro o bastante em seu cofrinho.

*Agnès de Lestrade<sup>2</sup>*

A epígrafe apresentada é o recorte de um livro encantador da francesa Agnès de Lestrade. Nele a autora fala das palavras, a forma mais usual que utilizamos para expressar nossos sentimentos. No mundo fictício criado pela autora, as palavras precisam ser compradas ou é possível encontrar na lata do lixo aquelas que geralmente são bobas ou sem graça. É possível, ainda, tentar pegar algumas que se perdem e saem voando por aí. O pequeno Philéas, personagem central da história, vive um dilema: quer abrir seu coração à doce Cybelle, mas as palavras que gostaria de dizer custam uma fortuna.

Essa história nos lembra dos bebês que ainda não possuem as palavras para manifestar seus desejos, vontades e necessidades; bebês que usam “a linguagem da não palavra, mas comunicam muitos pensamentos, sensações, expressões, relações, desejos e emoções, dando sinais de extraordinária versatilidade e expressividade aos seus modos de dizer” (DELGADO; MARTINS FILHO, 2013, p. 21).

Estudar a criança pequena e seu desenvolvimento é um desafio que vem nos acompanhando há muito tempo e que nos mobiliza a aprofundar os estudos. E agora, neste livro, buscamos aprofundar a discussão sobre a linguagem dos bebês.

Tendo em vista que os saberes de todas as áreas passam pela interlocução, uma vez que o diálogo converge para a construção de sentidos: como as crianças manifestam suas ideias, desejos e sentimentos quando ainda não desenvolveram a oralidade? De que forma a gestualidade atua como elemento comunicativo e é considerada nesta interlocução, de forma a garantir um legítimo processo dialógico na instituição educativa? Es-

2 Trecho de *A grande fábrica de palavras*, livro de literatura infantojuvenil de Agnès de Lestrade que traz ilustrações de Valéria Docampo (LESTRADÉ, 2010, não paginado).

ses são alguns questionamentos que resultaram no livro *Bakhtin, Wallon e as linguagens dos bebês*.

Pensar nos bebês e no trabalho desenvolvido para esta faixa etária em instituições educativas é um grande desafio, uma vez que

em grande parte das instituições as crianças de 0 a 3 anos, especialmente os bebês, ficaram subsumidas às compreensões sobre o desenvolvimento e a educação das crianças mais velhas. Afinal até hoje as legislações vigentes, os documentos, as propostas pedagógicas e a bibliografia educacional privilegiaram a educação das crianças maiores. Isto é, apesar dos bebês e das crianças bem pequenas estarem presentes na educação infantil, as propostas político-pedagógicas ainda mantêm invisíveis as suas particularidades e não têm dado atenção às especificidades da ação pedagógica nas escolas de educação infantil (BARBOSA, 2010, p. 1-2).

Por outro lado, temos acompanhado, recentemente, que as pesquisas envolvendo os bebês no contexto educativo vêm ganhando destaque na academia e subsidiando, cada vez mais, as práticas educativas e a formação dos profissionais que atuam com a faixa etária de zero a três anos (CASTRO, 2011; COUTINHO, 2010; FOCHI, 2013; GUIMARÃES, 2011; RAMOS, 2006)<sup>3</sup>. E, mesmo com o aumento significativo de pesquisas e estudos que têm sido produzidos sobre as especificidades da faixa etária de zero a dois anos, ainda nos deparamos com práticas e posturas que não consideram as particularidades dos bebês no processo educativo.

Ao participar de cursos de formação continuada para os profissionais que atuam na educação infantil, verificamos, frequentemente, que muitas propostas exemplificadas pelos formadores estão voltadas para as crianças maiores (de quatro a cinco anos) da Educação Infantil. E, quando questionados sobre o trabalho com os bebês, acaba sendo usual apresentarem possíveis adaptações. Essa atitude, a nosso ver, acaba sendo comum para muitos profissionais, uma vez que a nossa própria formação acadêmica enfatiza as crianças maiores. Com isso, acabamos antecipando práticas do Ensino Fundamental para a Educação Infantil; e, na própria Educação Infantil, práticas das crianças da faixa etária de pré-escola para os bebês. Isso é o que Rocha (1999, 2007) chama de *versão escolar do conhecimento*<sup>4</sup>, presente nas práticas da Educação Infantil.

3 Em levantamento realizado em 2008 no projeto de cooperação técnica MEC-UFRGS sobre as produções na área da educação infantil – abrangendo artigos em periódicos, teses e dissertações, comunicações acadêmicas e livros – os pesquisadores localizaram um total de 300 produções, sendo que 20% do total referiam-se à faixa etária de zero a três anos (BRASIL, 2009a).

4 A ênfase recai no processo de ensino, de forma fragmentada e parcializada do conhecimento.

Segundo Coutinho (2010, p. 212), “na contemporaneidade nos deparamos com abordagens, como a proveniente da área da sociologia da infância, que situa o bebê como um ator que tem suas impressões sobre as experiências que vive, que faz escolhas e comunica-se constantemente com o seu entorno social”, ou seja, em que o bebê é considerado como capaz, competente, com jeito próprio de sentir e atuar no mundo, o qual utiliza inúmeras linguagens para se comunicar. Conforme defende Gerbelli (2006, p. 23), “compreender que o bebê comunica pode ser o primeiro passo para compreender o que o bebê comunica”.

Em tal cenário apresentamos este livro, resultado de um estudo de doutorado, o qual se estrutura da seguinte forma:

No primeiro capítulo – “Bebês e linguagens: um breve panorama” – realizamos um mapeamento de pesquisas envolvendo a temática da linguagem de bebês.

No segundo capítulo – “Diálogos para pensar as linguagens dos bebês: O Círculo de Bakhtin e Henri Wallon” – trazemos a sistematização das teorias que sustentam as discussões deste livro, as quais são os estudos dos intelectuais pertencentes ao chamado Círculo de Bakhtin e a teoria da psicogênese da pessoa completa de Henri Wallon.

No terceiro capítulo – “Pesquisas com bebês: desafios éticos e metodológicos” – apresentamos o contexto da investigação que realizamos com bebês, acompanhado de uma discussão sobre a pesquisa com os bebês e as questões éticas que envolvem estudos desta natureza.

No quarto capítulo – “Os bebês e seus enunciados” – mostramos sete episódios que configuraram o estudo, com os seguintes nomes: *O Choro*; *O Riso*; *Ai-ai-ai*; *A Disputa*; *O Espelho*; *O Colchonete*; *A Professora*. Eles nos permitem refletir sobre as possíveis linguagens do bebê na Educação Infantil.

No quinto capítulo – “As linguagens dos bebês” – apontamos algumas considerações sobre o estudo para discussões sobre a visibilidade dos bebês na contemporaneidade e a formação dos profissionais que atuam com eles na Educação Infantil.